

“Meu Primo, meu Amigo e meu Senhor...”. As sociabilidades das Cartas Trocadas entre D. Luís de Almeida (marquês do Lavradio) e Pedro José de Noronha (marquês de Angeja) – Século XVIII

Adriana Angelita da Conceição*

A escrita de cartas fez das investidas ultramarinas uma experiência compartilhada. Através delas as descobertas, as notícias, as novidades e os sentimentos romperam a distância e foram manifestados. Na idade moderna os laços de amizade e de governo sobreviviam e se consolidavam através da palavra escrita. Neste sentido, as mobilidades humanas e de sistemas de governo fizeram das cartas um dispositivo de contato e de ação. Em 1768, D. Luís de Almeida, o 2º marquês do Lavradio, deixou Lisboa para servir o rei no Brasil. Diante do cumprimento da missão a distância, muitas vezes contrariada, mas aceita em nome do rei, os homens setecentistas deixaram Portugal e partiram rumo ao desconhecido. D. Luís de Almeida foi um deles, chegou ao Brasil para ser governador da capitania da Bahia, governando de abril de 1768 a outubro de 1769. Em abril de 1769 foi nomeado a vice-rei do Brasil, deslocando-se para a capitania do Rio de Janeiro, capital do vice-reino, e assumindo o cargo em novembro de 1769. Lavradio permaneceu por dez anos a frente do vice-reinado, consagrando-se como um dos mais importantes vice-reis da América portuguesa. Ao mover-se de Portugal para o Brasil, D. Luís de Almeida deixou suas redes de sociabilidade em Lisboa, porém, não as abandonou. Durante os onze anos que permaneceu na América, D. Luís de Almeida escreveu inúmeras cartas de ofício, exercendo sua função de governador, e muitas cartas de amizade compartilhando sua vida pública e particular com os mais próximos. Mas, rastrear as trocas epistolares dos setecentistas não é atividade fácil. Atualmente, em acervos de instituições de Portugal e do Brasil localizamos centenas de cartas ativas de D. Luís de Almeida e muitas delas estão preservadas em livros de copiador – uma intenção de guarda iniciada por Lavradio. Mas, na Biblioteca Nacional de Portugal conservam-se algumas cartas passivas, escritas por Pedro José de Noronha, marquês de Angeja. Assim, entre as cartas de amizade do marquês do Lavradio e de Angeja podemos analisar as sensibilidades trocadas entre dois setecentistas, homens de corte e ocupantes de cargos públicos, além de compartilharem laços familiares. Deste modo, através da análise da troca epistolar de Angeja e Lavradio destacam-se algumas sociabilidades do século XVIII que sobreviviam entre práticas públicas e particulares, diante das escolhas do que seria ou não escrito nas missivas. Assim, este texto busca elucidar através da correspondência de D. Luís de Almeida e Pedro José de Noronha o exercício da prática de escrita de cartas entre dois homens públicos, um de cada lado do Atlântico, partilhando o cotidiano do corpo, as curiosidades da flora e fauna do Brasil, o casamento dos filhos, o nascimento dos netos, a ausência de notícias e, especialmente, as inquietações pessoais e administrativas do governo colonial. Portanto, a carta será analisada além do seu conteúdo e compreendida como um objeto de trocas de sociabilidade.

Palavras-chave: Marquês do Lavradio, Marquês de Angeja, Correspondência, Século XVIII.

Para iniciarmos este estudo praticamos um exercício analítico que misturou observação, imaginação e história. Espreitamos uma conhecida pintura seiscentista, na qual uma mulher, acompanhada por outra, se dedica a uma prática comum aos modernos, mas que ao mesmo tempo não era privilégio de muitos. A atividade foi exercida no interior de uma casa e o clima externo estava ameno, já que foi possível aproveitar-se da luminosidade natural para desenvolvê-la. Pouco se sabe das mulheres e do que estava sendo registrado, porém, o destaque da pintura concentra-se na prática de escrita: a composição de uma carta. Eis o quadro,¹



Dentre os inúmeros aspectos que podem ser analisados nesta pintura, nos concentraremos na escrita epistolar. Lembramos que no importante conjunto de quadros – menos de quarenta, atualmente conhecidos – do holandês Jan Vermeer, a escrita de cartas foi representada em seis. Nesta bela pintura, conhecida como *Lady writing a letter with her maid* a carta foi o objeto de atenção da personagem em primeiro plano. Mesmo sendo vigiada e/ou cuidada a mulher que escrevia se expressava, sentia, conversava se entregando ao *silêncio falante* da carta. Na cena presenciamos aspectos sensíveis que perpassam a escrita epistolar: dedicação, ausência, presença, fala silenciosa e conversação ausente. E, nas palavras do escritor Pedro Salinas, “el tema de Vermeer es un interior, dentro de outro interior”.² Portanto, a escrita de cartas, especialmente, entre os que a possuíam como único meio de comunicação a distância, se configurava como uma prática misteriosa, necessária, cotidiana, acalentadora ou adormecedora, dependendo do assunto que motivava sua escrita e leitura.

Para um padre espanhol chamado Martín Sarmiento, que viveu no século XVIII, a carta poderia ser considerada uma visita – “Las cartas son muy semejantes á las visitas, pues son unas visitas por el correo”³ – se era visita, sua materialidade representava o ausente diante do destinatário. Notemos que estas particularidades da relação entre o homem e a escrita de carta, faziam parte de sociabilidades baseadas na escrita epistolar como único meio de conversação e de contato com os ausentes. Mas, a carta não servia apenas aos afetos e sentimentos, através delas os empreendimentos modernos ultramarinos venceram as distâncias e foram mantidos durante séculos. Através do papel e da pena, que substituíram as vozes distantes, a carta foi um forte representante da vida pública e privada dos que deixaram suas terras e se embrenharam pelas conquistas para servir o rei e manter as relações de poder entre metrópole e colônia.

Com este breve percurso em torno da prática epistolar, apresentamos a carta como principal objeto deste estudo. Especificamente, as cartas de dois setecentistas portugueses que no seu cotidiano se viram afastados por um oceano: D. Luís de Almeida e Pedro José de Noronha. Rastrear as trocas epistolares dos governadores ultramarinos não é tarefa fácil. Mas,

dependendo da trajetória do governador a quantidade de cartas que tratou o cotidiano administrativo da colônia é expressiva, porém, localizar as cartas enviadas aos amigos e aos familiares é incomum.⁴ D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio, além de escrever muitas cartas nos anos que passou entre a Bahia e o Rio de Janeiro, registrou muitas delas em livros de copiador, preservando-as. Deste modo, entre os vários correspondentes de Lavradio, Pedro José de Noronha, 3º marquês de Angeja, foi um deles.

As cartas passivas de D. Luís de Almeida são ínfimas se comparadas as ativa. Entretanto, localizamos na Biblioteca Nacional de Portugal, 11 cartas de Pedro José de Noronha a D. Luís de Almeida, preservadas em uma coleção de papéis originais, cópias e rascunhos referentes ao governo de Lavradio. Neste sentido, este texto versará sobre a troca de cartas entre Lavradio e Angeja, na pequena trajetória epistolar que conseguimos rastrear, entre cartas enviadas e recebidas por D. Luís de Almeida. Os temas são variados e os assuntos públicos deixam espaço aos aspectos da vida particular dos remetentes que não tiveram em comum apenas cargos administrativos no reinado de D. José I e D. Maria.

D. Luís de Almeida deixou o porto de Lisboa em fevereiro de 1768 rumo ao Brasil para obedecer a uma ordem real e se tornar governador da capitania da Bahia. Chegando a Salvador, D. Luís de Almeida assumiu o governo em abril de 1768, cargo que ocupou até outubro de 1769. O pouco tempo no nordeste não foi uma escolha de Lavradio, pois foi nomeado vice-rei da principal colônia portuguesa no século XVIII. Por conseguinte, necessitou enfrentar mais uma viagem de mar, agora com destino ao Rio de Janeiro, onde assumiu o vice-reinado em novembro de 1769, permanecendo na América até junho de 1779.

Para efetivar seu governo e manter seus laços de amizade e parentesco, D. Luís de Almeida escreveu muitas cartas nos mais de 10 anos que viveu na colônia. Muitas cartas de ofício foram enviadas a governadores de outras capitanias do Brasil e tantas outras foram destinadas ao reino – aos secretários marquês de Pombal e Martinho de Melo e Castro. Deste modo, Lavradio concretizou suas ações administrativas e desempenhou a função destinada pelo rei. Porém, entre as mais de 1000 cartas de ofício conservadas em arquivos brasileiros e lusos, existem as de amizade, somando 574 cartas escritas entre 1768 e 1776, datação dos livros de copiador.⁵ Certamente, estes números não representam a totalidade das cartas escritas ou ditadas por Lavradio, mas as que foram preservadas. E são com estas que iremos trabalhar, considerando o que escreveu o historiador espanhol Carlos Sánchez: “La visión particular, pues, que ofrecen cartas y relaciones de viajes facilitan el retrato que de sí misma fabricó la sociedad del Antigo Régimen, donde contemplamos lo que entonces era lícito mostrar. Ausentes están en cambio cosas consideradas banales, demasiado habituales, reprobadas, técnicas y tediosas”.⁶ Portanto, enfocaremos o que Lavradio considerou importante para compartilhar com o amigo marquês de Angeja e o que este compartilhou com Lavradio.

Selecionamos para esta análise 23 cartas de D. Luís de Almeida: 12 ativas e 11 passivas. Cabe lembrar que são raras as cartas de amizade passivas, existem menos de uma dezena delas enviadas pelo marquês de Pombal e seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Assim, as cartas passivas e ativas compartilhadas com o marquês de Angeja são uma raridade no vasto conjunto de cartas preservadas de D. Luís de Almeida.

As cartas de Pedro José de Noronha são originais, escritas com letra de secretário e assinadas e recomendadas por ele. A datação das 11 cartas vai de abril de 1770 a setembro de 1778. Mas, o que motivou a troca epistolar entre eles? Além de amigos e fazerem parte de casas nobiliárquicas de destaque no contexto da sociedade de corte portuguesa, os filhos em idade de casamento foi o motivo inaugural da primeira carta de D. Luís de Almeida enviada ao amigo, designado, carinhosamente, como primo, embora não possuíssem vínculos consanguíneos – uma prática recorrente entre os cortesãos.

Os arranjos de casamento do primogênito da casa Lavradio e das filhas foi um assunto constante nas cartas de D. Luís de Almeida, especialmente, nas enviadas ao tio, Tomás de Almeida, e marquesa do Lavradio. Pois, os contratos de casamento garantiam a grandeza da casa ou a tornava grande. Assim, quando Lavradio ainda residia na Bahia, escreveu a primeira carta a Angeja em maio de 1768. Eis o início da missiva,⁷

Meu Primo, meu Am.^o, e meu S.^r a VEx.^a não | Será novo o quanto sempre me foy estimavel a | aLiança com a caza de VEx.^a e vindo a conseguila | agora tam gostozam.^{te} em tempo em que eu me acha | va de posse da amiz.^c e favor de VEx.^a de que gosto, | e consolação me não terá sido esta Noticia, dela | me dou mil parabens, e os dou tambem a VEx.^a a q.^m | espero m.^a filha Saiba agradecer, e merecer a es | colha que VEx.^a fes della (...).⁸

D. Luís de Almeida fez referência ao ajuste do casamento de José Xavier de Noronha Camões de Albuquerque de Sousa Moniz, conde de Vila Verde, futuro 4º marquês de Angeja, com sua filha Francisca Teresa de Almeida. Na continuidade da carta, Lavradio saudou a marquesa de Angeja e pediu-a que instruisse Francisca no que fosse necessário. Na mesma carta, D. Luís de Almeida ofereceu elogios ao genro que recebeu o afetuoso tratamento de filho – atitude que Lavradio praticou com os maridos das outras filhas.

Ao encerrar a missiva, Lavradio escreveu,

A larga escrita que Sou obrigado a | fazer com a chegada destes cinco Navios, me || Embaração Ser mais extenço, dezejo que a Suade⁹ | de VEx.^a Se comserve sempre muito vigorosa, e q' | VEx.^a em toda a p.^c me permita a fortuna, e honra | de Servilo, e dar lhe gosto.¹⁰

No trecho de encerramento, D. Luís de Almeida deixou evidente sua relação com a escrita, já que o marquês passou muito tempo em seu gabinete escrevendo e ditando cartas, para manter suas relações de amizade e governar. Ao preocupar-se com a extensão da carta, Lavradio demonstrou conhecer as normas de cordialidade que geriam a escrita de cartas no Setecentos. Já que os manuais de escrita epistolar do século XVIII e antecedentes, ofereciam espaço ao debate quanto ao tamanho da carta. Segundo um manual que ensinava o ofício de secretário, publicado em Portugal no século XVIII, a prolixidade seria um grande defeito, a “grandeza de Cartas, que dizendo pouco em muitas palavras, causa fastio a quem lê”,¹¹ pois uma boa carta, de acordo com as normas cortesãs de escrita, deveria ser breve, mas não despida de bons pensamentos e sensibilidades – “com tanto, que não tire a energia ao conceito, de que usa na sua Carta”.¹²

Meses antes do marquês do Lavradio escrever a Angeja confirmando a aliança do casamento entre as famílias, ele se correspondeu com o genro, filho de Pedro José de Noronha. A primeira carta enviada ao conde de Vila Verde foi em março de 1769, ou seja, escrita dois meses antes da primeira enviada a Angeja. Nela, escreveu:

Meu querido filho e S.^r do meu C.¹³ a verdadeira || amizade q' VEx.^a a tanto tempo me devia, deve fazer a V. | Ex.^a mais hum argumento do Lugar que terá na minha | estimação esta nova aLiança (...). Athe gora tem sido carta de primeiros com | primentos de Sogro; agora continuala hei de am.^o verda | deiro; a V.¹⁴ lhe coube a sorte de ser Fran.^{ca} a que foy p.^a a Sua Companhia, os meus f.^{os} todos para mim só fa | zem diferença no nome; Fran.^{ca} sempre me deveo, e deve | hum grandissimo carinho (...).¹⁵

Lavradio enfatizou os vínculos e registrou sua consideração e amizade ao novo parente, além de manifestar seus doces sentimentos pela filha Francisca, que tudo indica ser a mais velha entre as mulheres. José Xavier de Noronha foi o destinatário de 33 cartas de Lavradio, entre as registradas no códice das cartas de amizade, datadas de 1768 a 1776, destacando-se entre os correspondentes que mais receberam cartas. O que demonstra as afinidades entre eles na troca de notícias da família e questões do governo colonial.

A segunda e última carta enviada a Angeja, enquanto governava a Bahia, foi escrita em 29 de maio de 1768. Nesta, D. Luís de Almeida procurou ser sucinto e aproveitou a oportunidade da partida de embarcações para manter contato com o amigo e escreveu,

Meu primo, meu Amigo, e meu S.^r | sofra VEx.^a que eu lhe interrompa o seu des | canço com a m.^a repetida com respondencia, | não me parecendo justo que hajaõ de partir | estes Navios, sem q' eu nelles segure a | VEx.^a o meu respeito, e a m.^a amiz.^e, pedin | do a VEx.^a me permita a fortuna de boas | novas suas, que me devem o mayor inte | reço.¹⁶

Na sequência destacou que sua saúde andava fragilizada e que a Bahia não oferecia grandes novidades. Nesta breve missiva, podemos considerar o sentido da carta como *visita*, já que Lavradio temia ser inconveniente, visitando Angeja com tanta frequência – sendo que a carta anterior tinha sido escrita há menos de um mês. Entretanto, desculpou-se pela possível impertinência, mas que aproveitaria a partida de embarcações para estar diante do amigo e manifestar sua amizade.

Depois de 15 meses na Bahia, em julho de 1769, D. Luís de Almeida foi surpreendido com a chegada da nau de guerra Nossa Senhora dos Prazeres que trouxe a bordo a carta régia com sua nomeação ao cargo de vice-rei. Aparentemente, esta notícia deveria causar alegria e honra ao marquês, mas não foi o que aconteceu. Pois, ser nomeado a vice-rei implicava em passar mais tempo na América, viver as enfermidades do continente e os riscos ao seu nome, já que problemas na administração afetariam os prestígios e a boa fama da casa Lavradio. Entretanto, só restava ao marquês obedecer ao rei.

Na capital do vice-reino D. Luís de Almeida continuou registrando sua prática epistolar com os parentes e amigos, tendo lembrado de levar o livro copiador que registraram as cartas compostas na Bahia. Assim, mais de um ano se passou, até que a terceira carta fosse enviada a Angeja. Nesta pequena missiva, composta em setembro de 1770, Lavradio registrou sua desolação,

Meu Primo, meu Am.^o, e meu S.^r ainda que a m.^{tos} mezes | não recebo o gosto de Cartas de VEx.^a e que podia inferir desta falta, o não | querer VEx.^a q eu o incomodaçe com a m.^a escrita, com tudo a m.^a amiz.^e | e a m.^a obrigaçãõ não o permite q eu assim o execute (...).¹⁷

D. Luís de Almeida demonstrou tristeza ao não receber notícias do amigo, pois a ausência de cartas estava investida de muitos imaginários: desde abandono por parte dos que ficaram no reino a morte do correspondente. Assim, a pequena carta foi enviada registrando o quanto Lavradio gostaria que a amizade de ambos fosse mantida e que as novidades do governo colonial seriam registradas na carta ao genro e que Angeja poderia conferir – “Ao Conde digo aq.^{Las} das novid.^{es} q paso, elle as repi | tirá a VEx.^a o q' não faço por não querer dar lhe o incomodo, de | Ler huá carta mais comprida”.¹⁸

Mais de um ano depois das reclamações de Lavradio, diante da ausência de notícias, a corveta Nossa Senhora da Guia e Santa Rita deu entrada no porto do Rio de Janeiro e trouxe

alegrias ao vice-rei ao ter transportado cartas dos parentes e amigos. Ao responder as novidades recebidas, D. Luís de Almeida escreveu a Angeja,

Com a chegada desta embarcação recebi em Cartas de data mais l moderna q a de VEx.^a a not.^a do bom sucesso de Francisca, e do felis Nas l cim.^{to} do noso neto, ão tenho expresoéns com q Segure a VEx.^a a m.^a ll satisfação, e contentam.^{to} (...).¹⁹

Lavradio registrou a feliz notícia da boa saúde da família e as novidades do primeiro neto, sendo o nascimento dos netos um assunto que satisfazia Lavradio e que o deixava ansioso por cartas. Na seqüência, desabafou,

Eu meu Ex.^{mo} m.^{tas} vezes teria escrito a VEx.^a, porem l aLem do grandisimo trabalho q continuam.^c tenho neste emprego em q. l me acho tambem me Lembra o pouco q VEx.^a gosta destas impertenen l tes Comrespondencias, vindo tudo isto a concorrer p.^a eu maiz de tarde l em tarde chegar a prez.^a de VEx.^a por esta forma (...).²⁰

D. Luís de Almeida buscou ser coerente, procurando não ser impertinente ao *visitar constantemente* os destinatários através da carta, já que ele era o ausente e quem mais sofria com as melancolias da distância. Portanto, enfatizou as sociabilidades de uma sociedade contida e que buscou controlar a manifestação dos sentimentos.

Nesta missiva, na qual os temas da vida particular e do cotidiano ganharam um espaço privilegiado, as angústias da vida pública também mereceram destaque. Em *post-scriptum*, o marquês fez um pedido:

Se VEx.^a de q.^L q.^r forma tiver ocaziao de fazer Lembrar q eu já completei trez l annos de Governador da Merica, e q vou m.^{to} adientado no quarto anno, l Serei a VEx.^a m.^{to} obrigado por esta Lembrança, principal.^c Se deLa l rezultar o gostozo progreço p.^a a m.^a Caza com q se fas tam precisa l a m.^a aSistencia.l²¹

Lavradio manifestou constante anseio por retornar ao reino, questão que enfatizou em, basicamente, todas as cartas que escreveu a Angeja e que temos preservadas. As cartas de amizade de D. Luís de Almeida são formadas por uma mescla de assuntos públicos e privados que se interpenetram e nos proporcionam visualizar as características de uma sociedade *contida* em suas manifestações dos sentimentos. Cabendo lembrar o que escreveu o historiador Fernando Novais, “reconstituir as manifestações da intimidade nesse período [Colonial] trata-se de uma tarefa difícil: há que apanhar tais práticas *in fieri*, isto é, no próprio processo paralelo a constituição do Estado moderno que delimita o território do público”.²²

A próxima carta de Lavradio a Angeja foi escrita em 06 de março de 1772 e foi uma das missivas mais extensas. Nela foi abordada uma temática que seguiu sendo o principal assunto das próximas cartas. Eis o que escreveu D. Luís de Almeida: “Pello q pertence a animaes marinhos, l remeto por ora hum caixotinho, com hunz buzioz e Conchas, e teria l provido a VEx.^a m.^{to} mais de todas estas couzas, Se VEx.^a a mais l tempo me tivese encarregado dellas”.²³ A partir desta, Lavradio passou a compartilhar e a enviar, conforme a solicitação de Angeja, exemplares da flora e da fauna do Brasil. Além disso, Lavradio anunciou um importante empreendimento de sua administração no vice-reinado, a criação da Academia Científica do Rio de Janeiro,²⁴ com o objetivo de incentivar os estudos e as práticas

voltadas à botânica, pois Lavradio buscou demonstrar que as riquezas da América estavam muito além do ouro e dos diamantes.²⁵ Eis o que escreveu:

rezolvime a fazer hum ajun l tam.¹⁰ de Medicos, Cyrurgioens Botanicos, Farmaceuticos, e l Algunz curiozos, asim desta Cap.^{al}, como dos Certoens desta Cap.^{nia}, formando com elles huá Assembleia, ou Academia p.^a Se ex l aminarem todas as Couzas q. Se poderem incontrar neste Cont.^e per ll tencentos aos 3 Reynos, Vigital, Animal, e Mineral, l fazendo-se-lhe todas as Analizes, e mais observaçoens q couberem no l posivel, (...).²⁶

Segundo Lavradio a Academia Científica do Rio de Janeiro escreveria ao marquês de Angeja para que seu nome também constasse na lista dos acadêmicos. Devemos considerar que o objetivo de Lavradio com a academia estava inserido em um projeto maior. De acordo com Vera Marques, “cabia nos objetivos de Pombal em incentivar os estudos de história natural. Logo a criação da Academia Científica foi fruto desse espírito científico empreendedor de vários homens sintonizados com os princípios do movimento das Luzes”.²⁷ E, ao encerrar a longa missiva, escreveu: “VEx.^a perdoi esta impertinente Carta, l porem a Curiozid.^e de VEx.^a sobre esta matr.^a desculpará a m.^a l difuzaõ”.²⁸

Depois da carta que noticiou a criação da academia, as próximas missivas continuaram tematizando o envio de curiosidades: insetos, borboletas, moluscos e exemplares da flora. Entretanto, a vontade de Lavradio por um sucessor não abandonou sua escrita a Angeja e a outros amigos. Em carta de junho de 1772, manifestou contentamento pela notícia do nascimento do segundo neto, da união Angeja-Lavradio, mas, declarou:

ainda q confeço a VEx.^a q já me vaõ faltando as forças p.^a l Suportar por tanto tempo o gosto de o hir ver e abraçar, e congratularme l pessoal.^e com VEx.^{as} em huas ocazioenz q a todoz tanto nos intereçaõ l porem vou ao menoz já inganando a m.^a imaginaçaõ principiando l a mandar introuchar o meu fatto, esperando q merecerei da R.¹²⁹ l pied.^e d’El REY meu S.^{or} o premitirme brevem.^e o regreço p.^a a m.^a ll casa (...).³⁰

O marquês do Lavradio expressava alegria diante das boas notícias, mas se lamentava por não poder vivenciá-las junto da família. Assim, a maioria de suas cartas de amizade está envolvida por lamentações e reclamações, aguardando o regresso ao reino.

A nova escrita para Angeja, em outubro de 1772, começou com agradecimentos pelas duas cartas recebidas do amigo, o que confirma o fluxo epistolográfico entre eles. Logo no início da missiva, D. Luís de Almeida ofereceu notícias da academia, “Os progredos da Academia Botanica, pouco, posso l por hora dizer a VEx.^a maiz do q.^e continua a trabalharse nella, l porem vay isto m.¹⁰ devagar, porq.^e como estaz gentez, naõ tem o in l tereçe que os anime, esmorecem com grande facilid.^e, e se naõ l fosse hum tal ou qual resp.¹⁰ de hum VRey, já estaria talvez l de toda extinta”.³¹ Neste trecho, Lavradio deixou evidente que a Academia era um fruto de suas intenções e se mantinha graças aos seus incentivos. O que não parece ter sido exagero do vice-rei, já que a academia durou até 1779, ano no qual o marquês regressou a Lisboa. Certamente, os estímulos de D. Luís de Almeida ao estudo e experimentos com o anil, trigo, diversos tipos de seda, testes com receitas de queijos e manteigas estava vinculado ao desenvolvimento econômico e comercial da colônia em benefício da metrópole, argumentando ao amigo: “em huá l palavra meo Ex.^{mo} persuadace VEx.^a que a preciozid.^e da Ame l rica, ainda se naõ conhece”.³² Já que para Lavradio existiam muitas particularidades no Brasil que não eram exploradas e que renderiam muito a Portugal.

Pedro José de Noronha, em janeiro de 1773, ditando para seus secretários respondeu ao amigo marquês do Lavradio, iniciando sua missiva com o mesmo tratamento utilizado pelo amigo vice-rei – “Meu Primo, meu Am.^o e meu Snr^l A Carta que V.E. me faz favor de escrever em l data de 5 de Outubro me foy entregue em 28 de Dezr.^o”.³³ O marquês de Angeja contestou as notícias da academia e as curiosidades enviadas, e escreveu agradecendo a lembrança de Lavradio

a Continuação dos excelentes presentes, com l que me regalla, excitando cada vez mais l a m.^a curiosidade, e enrequecendo o meu l Gabinete de Historia Natural. O conhe l cimento que V.E. tem das utilidades, que l se podem tirar desta Ciencia, faz com que l cuide nos preciosos generos, que pode pro l duzir esse continente (...).³⁴

Noronha registrou o quanto a dedicação de Lavradio poderia oferecer conhecimentos aos gêneros que o Brasil ainda proporcionaria a Portugal. Mas, a carta foi breve e encerrada com uma promessa: “Eu prometo com l mais vogar (naõ como devo, mas como me l for posivel) discorrer nesta materia ll fazendo a V.E. huma Carta mas extensa, o q’ agora me naõ he possivel”.³⁵ Assim, desculpou-se pela curta resposta, diante da extensa carta recebida.

Embora D. Luís de Almeida soubesse que a carta enviada em outubro, em novembro ainda não estivesse nas mãos de Angeja – pois, só chegou em dezembro, como vimos no parágrafo anterior – aproveitou a saída de mais uma embarcação para chegar a presença do amigo. Eis como iniciou a missiva: “Ainda q.’ por estez Navios l que acabaõ de chegar naõ recebi Carta de VEx.^a nem dos nossos filhos, l Livrame do cuidado que esta falta me podia dar as noticias que a l Marqueza me dê de todos VEx.^{as} passarem muito bem”.³⁶ Deste modo, estavam articuladas as redes de comunicação na sociedade setecentista, se as notícias não chegassem pelo correspondente, outros parentes ou amigos escreveriam e as incertezas e dúvidas poderiam ser sanadas.

A carta de novembro de 1772 foi respondida pelo marquês de Angeja cinco meses depois, abril de 1773. Nela, Pedro José de Noronha escreveu, depois de saudar a notícia da boa saúde do vice-rei,

lhe agradecerei; porem a VEx.^a to l dos q.^{tos} der Serão poucos pelo cuid.^o, q’ lhe deve a m.^a coriozid.^e e pelo l excelente e exquisito peiche, com q’ me regalou, e sera certam.^{te} l o meu gabinete da historia Na.^l hum dos melhores, empenhando- l se, como experim.^{to}, VEx.^a tanto em enriquecelo como tambem l ao meu jardim botanico, ainda q’ as plantas, q’ ultimam.^{te} vieraõ, l chegáraõ secas; e por isso peço a V.Ex.^a. a continuação delas e de l outras principalm.^{te} Sementes (...).³⁷

O marquês de Angeja estava organizando um gabinete de História Natural e um Jardim Botânico, projetos de destaque na sociedade lusa e que ficaram conhecidos pela grandiosidade. Assim, embora o tema das cartas ficasse concentrado nas curiosidades enviadas do Brasil, Pedro José de Noronha escreveu, “Não dou a V.Ex.^a. meudas novas da l Ill^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a Cond.^a de V.^a Verde e dos seos galantissimos f.^{os} l por q’ o meu f.^o o fará na carta, q’ me dis escreve a VEx.^{as}”,³⁸ ou seja, os pormenores da família seriam escritos pelo conde de Vila Verde, que foi, como já acentuamos, um assíduo correspondente de Lavradio.

A próxima carta que o marquês de Angeja responderia e que conseguimos seguir a trajetória foi a escrita por D. Luís de Almeida em 26 de março de 1773. Nesta missiva, não muito breve, Lavradio saudou as boas notícias da saúde dos familiares e dedicou um longo parágrafo a se lamentar,

Eu meu Ex.^{mo} | continuo a hir passando, como VEx.^a pode Supor de q.^m | vive tam rodiado de cuidados, e de trabalhos, em em hum | Clima taõ ardente, e Sugeito a mil enfermidadez; | porem a bastante Cautela, em q' vivo me tem por hora | preservado daz incommodidadez mais perigozas;³⁹

O vice-rei compartilhou com Angeja suas aflições diante do governo ultramarino e que precisava viver muito atento às enfermidades, temendo não resisti-las. Em muitas cartas de amizade Lavradio reclamou das doenças que enfrentava na colônia, queixando-se do clima, dos insetos, dos modos de viver e que tais aspectos o adoeciam, chegando a enfatizar que estava emagrecendo e que quanto voltasse a Portugal não o reconheceriam.⁴⁰ Além disso, nesta missiva, destacou que estava por completar cinco anos de permanência na América e que aguardava a chegada do seu sucessor.

Em julho de 1773, Pedro José de Noronha respondeu a Lavradio saudando-o pela boa saúde, ignorando as aflições do vice-rei diante da temeridade do clima e afazeres do governo, que o colocavam, por vezes, doente. Na sequência, passou a falar dos netos – “os quais á porporsão da idade, crescem | na galantaria”⁴¹ – e contou que o neto mais velho, Pedro, “acaba de convalescer de hum Sarampo, q' inda q | verdadeyram^{te} foi m^{to} Leve, assustou aos Pays, de modo q' me deraõ mais cui | dado, do q' a queixa q' padecia o filho”.⁴² Mas, o assunto principal da carta foi compartilhar com o amigo suas surpresas e gostos pelas curiosidades enviadas do Brasil. Agradeceu o envio das borboletas, escaravelhos e “A sêda das arânhas | q' V.Ex.^a me remetêo he certam.^{te} Couza admiravel, e digna de todo o exâme | e ponderação”.⁴³ Ao encerrar a carta, escreveu,

Eu conhêço estôu abuzândo || do favor q' V.Ex.^a me fas, e sendo impertenênte em | Escrever huã Lônga carta q' toda ella se encaminha a dar | a V.Ex.^a o trabalho de lêla e de satisfazer aos peditorios q lhe | faço mas espero na Sua bond.^e me perdoe, e me dê infinitas | oCazioés em q' mostre o excessivo gosto q' tenho de servillo.⁴⁴

Pedro José de Noronha desculpou-se por continuar pedindo o envio das curiosidades e a escrita da longa missiva. Embora, D. Luís de Almeida no seu constante empenho por escrever cartas não se preocupou com esta questão, pois o recebimento de cartas para o marquês de Lavradio foi sempre representado como um momento de deleite. Entretanto, notemos que o marquês de Angeja em nenhuma das cartas que temos preservadas comentou os pedidos de Lavradio por notícias de sucessor, assunto que preferiu ignorar para não se comprometer.

Dentre as cartas preservadas, a última ativa ao marquês de Angeja, não é uma carta de amizade e foi escrita em 22 de outubro de 1777. Cabe lembrar que o ano de 1777 foi de importantes mudanças em Portugal: morte de D. José I, queda do marquês de Pombal e o trono passou aos cuidados de D. Maria. Neste contexto, Pedro José de Noronha assumiu o Erário Régio no lugar de Pombal. Assim, a troca epistolar entre Angeja e Lavradio passou a ter mais motivos para acontecer. Na carta de outubro de 1777, o vice-rei explicou detalhadamente porque os quintos seguiriam para Lisboa com desfalque – recordemos que em 1777 a ilha de Santa Catarina foi invadida e tomada pelos espanhóis, fazendo com que os gastos militares fossem elevados.

Em novembro de 1777, quando Pedro José de Noronha já ocupava o cargo de ministro assistente ao Despacho e presidente do Real Erário, escreveu a Lavradio dizendo, “o lar | go tempo, que estive sem Carta de V. Ex.^a naõ foi bastante, para | me persuadir, que V. Ex.^a se esquecia de continuar-me o favor, que | lhe mereci, considerava, que o Laborioso, e Agitado Governo de | V. Ex.^a lhe tomava todo o tempo, sem lhe dar lugar, a que se occupas |

se em objecto de pouca importância”.⁴⁵ Portanto, desta vez, foi Angeja que enfatizou a ausência de cartas, embora compreendendo o delicado momento da política colonial luso-brasileira diante das disputas territoriais no sul do Brasil com a Espanha.

A última carta que iremos trabalhar neste texto foi endereçada ao marquês do Lavradio. Eis o início da carta,

Meu Pr meu Am.^o e meu S^r do meu co | raçaõ a Carta q’ ultimam.^{te} V. Ex.^a me fes favor de escrever | me lhe agradeço m.^{to} pois me livrou do grande cuidado com | q’ sempre assisto a V. Ex.^a temendo prejudique á sua precio | za Saude as m.^{tas} affliçoens a q’ obrigaõ a ter os mãos su | cessos q’ ahy tem davido por falta de Execuçaõ das ordens | de V. Ex.^a o q’ hé hoje bem patente a todos. |⁴⁶

Pedro José de Noronha começou a carta com uma saudação de amizade e confortou o vice-rei, argumentando que os conflitos da América meridional só estavam ocorrendo em função do não cumprimento de ordens e não pela incompetência do vice-rei – questão que consternou várias vezes o coração de Lavradio, ao temer que a invasão da ilha de Santa Catarina pudesse manchar sua boa reputação diante da corte. O segundo parágrafo da carta tematizou assuntos públicos e Angeja afirmou que mais detalhes seriam encaminhados pelo secretário Martinho de Melo e Castro e que ele não os repetiria, embora enfatizasse que contava com a assiduidade de Lavradio com a Real Fazenda. E, de um assunto público, Pedro José de Noronha saltou para um tema da vida particular, escrevendo: “Dou a V. Ex.^a o pezame pela morte de hú | Netto nosso, não dizendo as m.^{tas} circunstancias porq’ se fes | mais censivel a sua falta, porq’ assento, q’ por outras vias, terá | V. Ex.^a largas noticias do q’ era este rapaz”.⁴⁷ Portanto, esta carta demonstra uma importante característica da sociedade moderna, a confluência da vida pública e particular, sem diferenciação, mas sem serem igualadas.

Por fim, através da pomposa saudação inicial *Meu Primo, meu Amigo e meu Senhor*, que por vezes, acrescentou *senhor do coração*, para manifestar mais proximidade, Lavradio e Angeja se corresponderam por aproximadamente 10 anos, ou seja, período no qual D. Luís de Almeida esteve ausente do cotidiano da corte e representou o rei em terra brasílica. Juntos, ao modo cortesão de partilhar o sensível, os correspondentes compartilharam anseios políticos, tensões familiares, curiosidades e projetos. Portanto, a carta foi para eles uma oportunidade de viver a presença na ausência. Assim, o primo, o amigo e o senhor, ora Lavradio, ora Angeja, vivenciaram as sociabilidades da prática epistolar como homens de governo, progenitores, avós e portugueses preocupados com o futuro do império ultramarino e, conseqüentemente, de suas casas nobiliárquicas.

* Doutoranda em História Social, USP – FAPESP.

¹ VERMEER, Jan. Lady writing a letter with her maid (Schrijvende vrouw met dienstbode). c. 1670-1671. Oil on canvas. 28 x 23 in. (71.1 x 58.4 cm.) National Gallery of Ireland, Dublin. Presente no seguinte endereço: http://www.essentialvermeer.com/catalogue/lady_writing_a_letter. Acesso em agosto de 2011.

² SALINAS, Pedro. *El defensor*. Madrid: Alianza Tres, 1983. pp. 77.

³ SARMIENTO, Martín. *El porque sí y porque nó*, del P. Martín Sarmiento [Texto impreso]: satisfacción crítico-apologética de su conducta. Madrid, 1758. pp. 176.

⁴ Isso não significa que não foram escritas, mas, certamente, que não foram preservadas.

⁵ Os dados quantitativos referentes à correspondência de D. Luís de Almeida foram reunidos no Banco de Dados *Correspondência do 2º marquês do Lavradio* – desenvolvimento do meu projeto de tese, realizado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

⁶ SÁNCHEZ, Carlos A. González. *Homo viator, homo scriberis. Cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVII)*. Madrid: Marcial Pons, 2007. pp. 20.

⁷ Salientamos que todas as citações (de impressos e manuscritos) presentes neste texto mantêm a ortografia e a gramática dos originais.

⁸ Arquivo Nacional – Brasil (AN_BR), *Códice 1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Bahia, 01/05/1769, f 84.

⁹ Saúde. Provavelmente, o secretário dever ter copiado a palavra de modo errôneo.

¹⁰ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Bahia, 01/05/1769, f 84v-85.

¹¹ FREIRE, Francisco José. *O secretario portuguez compendiosamente instruido no modo de escrever cartas. Por meyo de huma instrucçam. Preliminar, regras de Secretaria, Formulario de tratamentos, e hum grande numero de Cartas em todas as especies, que tem mais uso*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1746. f 18.

¹² FREIRE, F. O Secretario Portuguez... [1746] f 18.

¹³ Coração.

¹⁴ Você.

¹⁵ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio a José Xavier de Noronha Camões de Albuquerque de Sousa Moniz, Bahia, 08/03/1769, f 59v-60.

¹⁶ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Bahia, 29/05/1769, f 92v.

¹⁷ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 11/09/1770, f 231.

¹⁸ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 11/09/1770, f 231.

¹⁹ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 29/07/1771, f 302-302v.

²⁰ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 29/07/1771, f 302v.

²¹ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 29/07/1771, f 302v.

²² NOVAIS, Fernando. Prefácio. In: NOVAIS, Fernando (coord. Coleção); SOUZA, Laura de Mello e (org. do vol.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pp. 16.

²³ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 06/03/1772, f 331v.

²⁴ A Academia do Rio de Janeiro foi criada em fevereiro de 1772 – antes da Academia de Ciências de Lisboa (Janeiro de 1780) – e estava ligada à Academia Real das Ciências da Suécia, terra do importante naturalista Carlos Lineu.

²⁵ “Como VEx.^a Se intereça de couzas desta natureza l devo dar a VEx.^a a not.^a q vendo eu o pouco cazo que na America se l fazia das Suaz perciozid.^{es} q não fosem ouro, ou diam.^{te} tendo todo l este Est.^o tantaz q.^{io} a mim ainda mais importantez, e uteiz q.^e l aq.^{Las} e q não só em Europa Senaõ conheciaõ, mas que athe os mes l mos Abitantez deste mesmo Cont.^e, as ignoravaõ (...).” AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 06/03/1772, f 331v.

²⁶ AN_BR, *C_1095, Códice 1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 06/03/1772, f 331v-332.

²⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. *Educar*. Curitiba: Editora UFPR, n. 25, p. 39-57, 2005. pp. 43.

²⁸ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 06/03/1772, f 332v.

²⁹ Real.

³⁰ AN_BR, *C_1095, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 24/06/1772, f 346-346v.

³¹ AN_BR, *C_1096, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 05/10/1772, f 9v.

³² AN_BR, *C_1096, Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 05/10/1772, f 9v.

³³ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 05 de janeiro de 1773, nº 2.

³⁴ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 05 de janeiro de 1773, nº 2.

- ³⁵ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 05 de janeiro de 1773, nº 2.
- ³⁶ AN_BR, C_1096, *Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 30/11/1772, f 17.
- ³⁷ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 03 de abril de 1773, nº 2.
- ³⁸ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 03 de abril de 1773, nº 2.
- ³⁹ AN_BR, C_1096, *Correspondência*, Carta do 2º marquês do Lavradio ao marquês de Angeja, Rio de Janeiro, 26/03/1773, f 29v.
- ⁴⁰ Conferir a carta do 2º marquês do Lavradio ao conde de Prado, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1770 em: Arquivo Nacional – Brasil, *Códice 1095*, f 217v.
- ⁴¹ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 09 de julho de 1773, nº 2.
- ⁴² Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 09 de julho de 1773, nº 2.
- ⁴³ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 09 de julho de 1773, nº 2.
- ⁴⁴ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Lumiar, 09 de julho de 1773, nº 2.
- ⁴⁵ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Vila Viçosa, 03 de novembro de 1777, nº 51.
- ⁴⁶ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Junqueira, 23 de dezembro de 1777, nº 51.
- ⁴⁷ Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 2, Correspondência*, Carta do 3º marquês de Angeja ao 2º marquês do Lavradio, Junqueira, 23 de dezembro de 1777, nº 51.

Fontes

- Biblioteca Nacional de Portugal, *Coleção Brasil caixa 1 e 2, Correspondência do 2º marquês do Lavradio*.
Arquivo Nacional – Brasil, *Códice 1095, Correspondência do 2º marquês do Lavradio*.
Arquivo Nacional – Brasil, *Códice 1096, Correspondência do 2º marquês do Lavradio*.
SARMIENTO, Martín. *El porque sí y porque nó*, del P. Martín Sarmiento [Texto impreso]: satisfacción crítico-apologética de su conducta. Madrid, 1758.
FREIRE, Francisco José. *O secretario portuguez compendiosamente instruido no modo de escrever cartas. Por meyo de huma instrucçam. Preliminar, regras de Secretaria, Formulario de tratamentos, e hum grande numero de Cartas em todas as especies, que tem mais uso*. Lisboa: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1746.

Bibliografia

- ALDEN, Dauril. 1968. *Royal Government in Colonial Brazil – with special reference to the Administration of the Marquis of Lavradio, viceroy, 1769-1779*. Berkeley/Los Angeles: U. California Press.
- ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula (org.). 2009. *O império por Escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)*. São Paulo: Alameda.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GÓMEZ, Antonio Castillo. 2006. *Entre la pluma y la pared: una historia social de la escritura en los siglos de oro*. Madrid: Akal.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. *Educar*. Curitiba: Editora UFPR, n. 25, p. 39-57, 2005.
- NOVAIS, Fernando (coord. Coleção); SOUZA, Laura de Mello e (org. do vol.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SALINAS, Pedro. *El defensor*. Madrid: Alianza Tres, 1983.
- SÁNCHEZ, Carlos A. González. *Homo viator, homo scriberis. Cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVII)*. Madrid: Marcial Pons, 2007.
- SOUZA, Laura de Mello. 2006. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TIN, Emerson. 2005. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio*. Campinas: Editora da UNICAMP.